

FINANCIADO POR

Iceland
Liechtenstein
Norway grants

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DO PROJETO MALACATE

MALACATÁRIO

N.º 6 – ABR. MAI. JUN. 2023

Até já?

“Falamos frente a frente, sem medo. Esperamos que o outro se cale para podermos dizer que sabemos. Mas o outro não se cala nunca, precisaríamos de um tempo que se vestisse de infinito para que, numa longa noite de baile, escutar o sussurro deste amor repleto de profundezas, de sombra e luz, de gotas de suor e lágrima para no fim poder dizer: isto de ser pedra com coração de pessoa é mais complicado do que parece.

Se teatro é ação, um poema o que será? Juntar palavras, falar... fará algum sentido quando há tanto por fazer? Valerá a pena atravessar uma cena, de um lado ao outro, com a cabeça cheia de sonhos e pesadelos e esperar que no final tudo faça sentido?

Que no final, aqueles que observaram atentos a cena, se levantem deste lugar estranho em que suspendemos passado, presente e futuro e o abandonem sem olhar para trás? Parece que cada vez mais gente neste lugar tem as mesmas questões. Mas continua a não faltar aos ensaios...

Foram meses intensos que terminam agora com uma celebração que juntou muitas dezenas de pessoas dentro e fora do palco. Lágrimas e risos misturaram-se neste caos que já foi porto seguro de uma riqueza que vinha debaixo dos pés e que há 60 anos fechou, deixando tudo e todos em suspenso.

Mas o resfolegar de outro tipo de máquinas voltou a ouvir-se por estes dias e houve até quem comentasse que desde 1966 que não se via tamanha agitação por aqueles lados ocupados por paredes em queda contínua. Pois é, estamos a terminar este MALACATE da forma mais agridoce possível: com fortes saudades do que mesmo agora vivemos e com vontade de construir mais. Até já?”

MIGUEL MAIA,
Mina de S. Domingos, junho de 2023

Balanço Abandonadamente

—

Nos dias 19 e 20 de abril, fomos maravilhados por um espetáculo imersivo com uma forte componente de elementos visuais e auditivos, no local mágico da Achada do Gamo.

A viagem dos espetadores começou no Cineteatro e seguiu em transporte coletivo até à Achada do Gamo. Nesta viagem, de lotação esgotada nos dois dias, vieram pessoas de todas as idades e de diferentes sítios do mundo e da Mina.

Sob a direção do artista belga Brandon Lagaert, e ao som da música composta por Telmo Soares, fomos surpreendidos por uma história maravilhosamente interpretada por Rui Paixão – a de um homem que trabalha como guia turístico num estranho local, lutando contra os prédios deteriorados que voluntariamente o cercam diariamente. Com o tempo, o lugar abandonado confronta-o com os seus demónios internos que ele tenta superar concentrando-se num trabalho simples.

Enquanto explora mais profundamente dentro da paisagem, apenas o seu corpo tem a possibilidade de comunicar o que

a linguagem humana não consegue. Enquanto o homem perde lentamente o contato com a realidade, somos confrontados com a possibilidade de que esta visita guiada possa ser a sua última.

De regresso ao ponto de encontro foi possível aplaudir e conversar com a equipa artística e tanta era a curiosidade de todos. Em troca, ouvimos com atenção o Rui Paixão e o Brandon Lagaert que falaram sobre a obra e o processo de criação do projeto.



© Telmo Soares



© Telmo Soares

FICHA ARTÍSTICA:

Direção Artística
BRANDON LAGAERT

Co-criador

e Performance
RUI PAIXÃO

Participação

especial
NUNO MARTINS
E BEATRIZ FRESCO

Realização
e edição do filme
TELMO SOARES

Paisagem sonora
BRANDON LAGAERT
E TELMO SOARES

ABANDONED MINDS

CONVERSAS

/// 18 NOVEMBRO 2022

FILIPE ABREU E MIGUEL MAIA

Para celebrar um ano do começo das atividades MALACATE deu-se início a uma iniciativa a que chamámos Conversas Malacate, e que foi ponto de encontro entre comunidade, artistas e profissionais das mais diversas áreas, para trocar ideias, aprender e partilhar conhecimento sobre esta região, em particular a Mina de S. Domingos e sobre o projeto Malacate. A primeira conversa teve como convidados os então diretores artísticos do projeto, Filipe Abreu e Miguel Maia, que fizeram um balanço sobre o decorrer do projeto até à data com a comunidade.

/// 16 DEZEMBRO 2022

MARINA NABAIS E RICARDO MACHADO

Aproveitando um Cineteatro cheio como não se via há décadas, conversou-se com a equipa artística do projeto Entropia, de Marina Nabais e Ricardo Machado. O público teve oportunidade de perceber como se desenvolveu o processo de criação, e de que forma se baseou na região e no contributo da comunidade que participou, vinda de vários locais da região.



/// 13 JANEIRO 2023

STEIN HENNINGSEN E SARAH GERATS

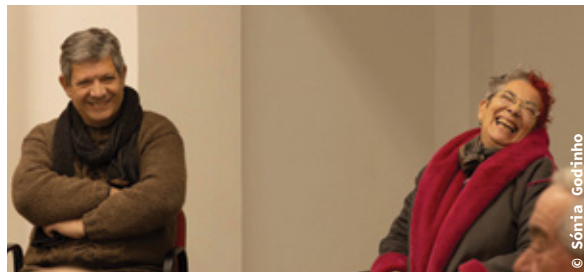
Neste encontro, conhecemos os percursos dos artistas Stein Henningsen e Sarah Gerats, vencedores da segunda residência Open Call, Wide Space promovida pelo projeto Malacate, as performances que desenvolveram pelo mundo inteiro e a relação que estabeleceram com a Mina e a sua Comunidade. Foram momentos de conversa movidos pela curiosidade, partilha e entusiasmo.



/// 27 JANEIRO 2023

NÁDIA TORRES E MANUEL PASSINHAS

Esta conversa, com os artistas e mediadores Nádía Torres e Manuel Passinhas, foi uma oportunidade para debater os desafios que se colocam a quem trabalha a cultura fora dos grandes centros urbanos. Houve ainda tempo para se falar do percurso individual de cada convidado e dos seus projetos para o futuro.



/// 13 FEVEREIRO 2023

SARA RIBEIRO

Sara Ribeiro é uma “filha da terra” e trabalha para a Fundação Serrão Martins. Especializada em recuperação do património edificado, é uma grande amiga do projeto Malacate e explicou-nos nesta conversa a importância do trabalho que a fundação desenvolve na conservação do património físico existente como forma de compreender o importante legado da Mina de S. Domingos.



/// 27 FEVEREIRO 2023

ROSSANA TORRES E JOÃO ROMBA

Nesta conversa Malacate recebemos a Rossana Torres, cineasta, e o João Romba, fotógrafo e documentarista, ambos para falarem da sua dedicação à arte do cinema fora dos grandes centros urbanos. Com uma sala repleta de gente curiosa para conhecer melhor o percurso destes artistas, descobriu-se um pouco melhor o percurso de Rossana Torres - ligado à criação cinematográfica e também ao trabalho pedagógico e de divulgação do cinema na região. Rossana tem colaborado com a associação Os Filhos de Lumière, em diversos projetos de divulgação do cinema junto dos mais jovens e é autora dos filmes Cordão Verde (2009), O sabor do leite creme (2021) e Terra (2018), este último que recebeu o prémio de melhor documentário no DocLisboa em 2018. João Romba, além de colaborar com Rossana Torres, dedica-se ao trabalho de retrato social, foto de rua e paisagem. A conversa foi animada, tendo incidido sobre a necessidade de fazerem pontes

mais eficazes entre os artistas locais, as forças vivas da comunidade e o público em geral. Foi também a oportunidade para a Rossana e o João travarem conhecimento com Nuno Pereira, que em criança ajudava a operar a grande máquina de projeção de filmes do icónico cineteatro da Mina.

/// 13 MARÇO 2023

ISABEL CAMPOS / UNIVERSIDADE SÉNIOR

Isabel Campos, diretora da Escola Profissional ALSUD e também da Universidade Sénior local, apesar de não ser natural de Mértola, reside no concelho há mais de 30 anos, com um percurso notável na formação, educação e dinamização cultural. A conversa que contou com um público constituído por pessoas da Mina de S. Domingos e também alguns artistas que participaram no espetáculo da Caixa de Perguntas, incidiu principalmente nas questões associadas ao desenvolvimento local. Porque é que continuamos com os mesmos problemas de desertificação e subdesenvolvimento a que assistimos há décadas? O que faz com que as pessoas qualificadas não se queiram estabelecer nestes locais, quando a qualidade de vida e a proximidade da natureza são fatores positivos? Que tipo de projetos são necessários para regenerar estas comunidades? Estas e outras questões aqueceram o debate que se prolongou até à hora do jantar, terminando com um chá partilhado entre todos e também com a inscrição de algumas pessoas como participantes do espetáculo de teatro em preparação e que viria a estrear a 9 de junho de 2023 - Caixa de Perguntas.

/// 27 MARÇO 2023

JOÃO MATOS E MIGUEL REGO

João Matos e Miguel Rego são profundos conhecedores da Mina de S. Domingos, nas áreas da geologia e património, respectivamente. Foi uma tarde muito enriquecedora, em que mergulhámos nos primórdios da época mineira nesta região, e na sua evolução ao longo dos tempos. Da forma como a mineração se modificou desde o tempo romano, até aos dias atuais, nomeadamente no que respeita às condições de trabalho dos mineiros e das preocupações ambientais que envolvem esta atividade. Fizemos uma viagem, pela formação da Faixa Piritosa Ibérica, onde se enquadra a Mina de S. Domingos e ouvimos falar das rochas e minérios dominantes deste local que alberga uma mina com mais de 2000 anos.



/// 10 ABRIL 2023

PAULO GUIMARÃES

É historiador e investigador, para além de docente universitário na área da história. A conversa centrou-se na forma como a história é feita e documentada pelos historiadores e restantes cientistas sociais. A Mina de S. Domingos bem como o património histórico e historiografia social associada à exploração mineira no país é um tema recorrente no trabalho do Prof. Paulo Guimarães e dominou o debate. Será possível documentar a verdade histórica? De que forma os diferentes poderes instituídos modelam a escrita da história? Como se conseguem garantir as condições adequadas para que esse trabalho seja feito com rigor? E qual a riqueza histórica do património arquivístico sobrevivente aos tempos de exploração da Mina de S. Domingos? Foi uma hora e meia curta mas muito intensa!

/// 15 ABRIL 2023

RUI PAIXÃO E BRANDON LAGAERT

Durante a sua residência de criação do espetáculo Abandonadamente, os artistas Rui Paixão, Telmo Soares e Brandon Lagaert conversaram com a comunidade sobre o processo em curso. Com a intenção de habitar artisticamente a Achada do Gamo, como fazer para ultrapassar os desafios logísticos? E como criar algo que sobreviva à força daquele lugar? Para além de nos falarem sobre o processo demonstraram ainda alguns truques em estudo para uso no espetáculo.



/// 8 MAIO 2023

Rita Sales e Pedro Faria Bravo

Tivemos o prazer de receber os mentores do projeto “De Boca em Boca – histórias a nutrir comunidades” – Rita Sales e Pedro Bravo – que desenvolvem no concelho de Mértola, desde 2020. Falou-se sobre os desafios e também a riqueza que vem com o trabalho artístico em meios desertificados e muitas vezes esquecidos do interior do país. Perante uma plateia atenta, Rita Sales e Pedro Bravo, falaram sobre as atividades que têm desenvolvido com a comunidade do concelho, nomeadamente o novo espetáculo “Eu não sei se sei contar!” cocriado e interpretado por pessoas que habitam o concelho de Mértola, das mais variadas idades e ocupações. O propósito deste espetáculo é recriar tempos de outrora em que os contadores de histórias tradicionais ocupavam um lugar especial na comunidade, dando especial relevância a um aturado trabalho de criação de repertório a partir da tradição oral da região.

RØROS

Uma cidade norueguesa tão longe e tão perto

Inaugurou em março deste ano, uma exposição temática no museu de Røros, na Noruega, sobre o projeto Malacate e, em particular, a iniciativa de Street Art “I was here, I’ll be here”, liderada pelos artistas Tamara Alves (PT) e Pøbel (NO). A exposição contou com um registo fotográfico extenso sobre

a Mina de S. Domingos, o seu património edificado, e o processo de criação dos murais dos artistas convidados que hoje tornam mais rica aquela localidade. Considerando as ambições locais de cruzamento de experiência com um território e população de características idênticas, o projeto Malacate fez uma parceria com a cidade norueguesa de Røros, que tem 300 anos de historial mineiro e um trabalho atual de valorização do antigo património industrial, através das artes, da memória e do turismo. Para além das visitas de intercâmbio entre ambas as regiões, a iniciativa da exposição procurou proporcionar aos habitantes de Røros uma pequena ideia do que se fez na Mina de S. Domingos. Deixamos um agradecimento especial à Røros Kommune e em particular à Caroline Oksdøl Søbørg, organizadora da exposição do lado norueguês.



© Caroline Oksdøl Søbørg



© Caroline Oksdøl Søbørg

Delegação de Røros visitou a Mina!

Dois representantes de um dos parceiros noruegueses do projeto Malatace, o município de Røros, estiveram alguns dias a visitar o projeto e a região. Tiveram a oportunidade de ver o espetáculo Caixa de Perguntas e visitar os principais pontos de interesse da Mina e de Mértola.



CAROLINE OKSDØL SØBERG

Meu nome é Caroline Oksdøl Søberg. Tenho 37 anos e moro em Røros com meu namorado e nossas duas filhas de 4 e 7 anos. Nasci um pouco mais ao norte da Noruega, mas moro em Røros há 12 anos. Trabalho como professora desde que me mudei para cá, mas mudei de rumo no ano passado e comecei a trabalhar como consultora no escritório cultural do município de Røros em dezembro de 2022. O nosso escritório é responsável pela vida cultural e acontecimentos em Røros, e também desportos e atividades de lazer. Trabalhar com cultura e atividades de lazer combina comigo, já que pratiquei canto e teatro muito cedo. Sou apaixonada por inclusão, para que todos se sintam incluídos na sociedade, independentemente do seu nível socioeconómico. Felizmente, isso é algo com o qual trabalho todos os dias! Também tenho oportunidade de trabalhar com a vida ao ar livre, o que é um hobby meu. A cultura vivida através da história e dos edifícios fascina-me, o que é perfeito para quem vive em Røros e tem a oportunidade de vos visitar através do projeto MALACATE.

“Muito obrigada por toda a vossa hospitalidade e amabilidade durante a nossa estadia na Mina e em Mértola. Tanto o projeto MALACATE como outros projetos em Mértola nos inspiraram muito, e achamos a área bonita e interessante. Esta viagem realmente permanecerá nos nossos corações. Divertimo-nos muito!”

CAROLINE OKSDØL SØBERG



CHRISTER TAMNES TRONSMED

Meu nome é Christer Tamnes Tronsmed e sou um pintor que mora em Røros. Eu nasci e cresci lá, mas mudei-me em 1999. Em 2018 voltei para lá morar com a minha família. O meu interesse pela pintura começou com os quadros que estavam pendurados nas paredes na minha infância. Principalmente pinturas de Røros e eu fiquei fascinado com a possibilidade de poder criar algo parecido; colocar imagens mentais na tela e transmitir ideias. Um dia típico para mim é levar as crianças para a escola e depois ir para o estúdio. Tento fazer caminhadas em diferentes horários do dia para observar a luz em diferentes ângulos e intensidades, procurando formas e padrões de luz, sombra e cor que dariam uma boa pintura. Algumas das pinturas são apenas representações das características da paisagem local, enquanto outras se referem a uma paisagem interior, composta por memórias e experiências. A pintura é uma forma de ordenar impressões, dando sentido às coisas e reduzindo a entropia por um breve momento. Eu também gostaria de construir uma comunidade em torno da arte e muitas vezes tenho pessoas que visitam o estúdio para discutir arte, política ou outros temas. A parte social da arte está a tornar-se cada vez mais importante para mim, especialmente a arte no contexto da união de outros artistas e curiosos. A longo prazo, gostaria de fundar um clube ou uma espécie de escola para ensinar e promover a pintura.

OPEN CALL

Sarah Gerats e Stein Hennigsen

Um dos projetos artísticos mais falados na Mina de S. Domingos este ano foi o realizado por esta dupla de artistas que vieram do norte – o arquipélago de Svalbard – território ártico norueguês, banhado pelo oceano Glacial Ártico a norte. Apesar da grande distância e das claras diferenças no tipo de clima e paisagem, os artistas estiveram durante um mês a trabalhar na Mina e sentiram-se em casa.

Uma das artistas, a Sarah Gerats, mandou-nos agora este seu testemunho:

“Pensando no nosso tempo – janeiro de 2023 na Mina – este é o trabalho em que mais penso. Jamais esqueceremos a experiência de morar e trabalhar na Mina. Era muito longe de nossa casa no extremo norte, onde naquele momento tudo ainda estava coberto pela escuridão da noite polar e pelo frio do inverno. Mas ao mesmo tempo parecia muito próximo, já que também vivemos numa antiga comunidade mineira. A possibilidade de trabalhar com performance num lugar relativamente pequeno, distante e distante do mundo da arte em geral foi realmente especial. Nós e os nossos trabalhos foram recebidos com muito entusiasmo e interesse. Foi inspirador trabalhar com



© Sónia Godinho



© Tatiana Lemos



© Sónia Godinho

performance num nível muito direto e aberto, sentimos que cada um leu as nossas histórias à sua maneira. Esperamos que nossas apresentações tenham sido, e se tornado, uma inspiração também. A obra em que penso com mais frequência é aquela em que Stein estava deitado numa banheira cheia de gelo. Este não foi um trabalho que pudéssemos ter feito sozinhos – fizemos o máximo de cubos de gelo que pudemos, mas nunca conseguiríamos encher uma banheira inteira. A comunidade, o povo de Mina, no entanto, conseguiu fazer isso. Ainda estou impressionada com a resposta. Além das nossas apresentações regulares, fizemos muitas fotos e vídeos no local, com os quais ainda estamos trabalhando e adoráramos mostrar na Mina um dia.”

Ao todo, realizaram-se 6 atuações em vários locais da Mina de São Domingos, que envolveram a comunidade numa participação ativa e sem dúvida perturbadora, gerando o pensamento crítico e reflexões sobre a determinação, a intenção e a capacidade de resistir e agir no território, de desafiar o incómodo e realizar todas as “impossibilidades”.

Stein realizou performances a solo em quatro datas: a 17 de janeiro, com “Rochas”, a 19 com “Mais Rochas” a 23 com “Porta”, e a 24 com “Banheira”. Sarah Gerats realizou a performance duracional “70 kg de areia (75 kg com certeza)”, que durante 7 horas percorreu toda a Mina. Por fim, ambos os artistas fizeram uma apresentação final junto ao Cineteatro, intitulada “Dias Felizes”, no dia 27 de janeiro.

WORKSHOP UTÓPICO

Esses jardins ainda viçosos com Daniel Cardeira

No passado dia 25 de março, numa bela tarde de Primavera, o Jardim dos Ingleses, junto ao coreto foi palco de mais um Workshop Utópico, desta vez para imaginar através de um largo tecido branco novas formas e cores para os jardins viçosos desse sítio cheio de histórias, com a ajuda do artista convidado Daniel Cardeira. Daniel Cardeira é artista plástico e historiador de arte. Nascido em 1992 cresceu entre as aldeias de Corte do Pinto e Mina de São Domingos. Em 2015 licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e em 2020 concluiu o mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual pela Universidade de Letras da Faculdade do Porto. O seu campo de trabalho cruza desenho, pintura, fotografia, instalação e performance. A sua investigação artística incide sobretudo na relação do corpo com a paisagem cultural e natural. Como artista plástico expôs nos últimos anos em Lisboa, Faro, Mértola, Porto e São Paulo. Atualmente dinamiza, junto à comunidade, várias atividades de expressão plástica e desenho. Foi uma tarde muito bem passada com uma participação intergeracional através da pintura imaginada de um novo jardim viçoso. Um jardim que se adivinha no futuro, mágico e integrador.



Pelos campos “A Céu Aberto”, por Daniel Cardeira

Nos dias 25 e 26 de março decorreu mais um passeio “A céu aberto”, uma iniciativa do projeto MALACATE que tem como objetivo promover o conhecimento do património da Mina de S.Domingos. Desta vez o foco foi o património natural da Mina de S.Domingos e da sua envolvente, guiados pelo artista convidado Daniel Cardeira, “filho da terra” e cuja investigação artística tem incidido sobretudo na relação do corpo com a paisagem cultural e natural. As duas manhãs foram dedicadas especialmente aos caminhos entre o Jardim dos Ingleses e a Tapada Grande nessa nova primavera que nos presenteou com cores vibrantes, cheiros doces e a boa tranquilidade desse “Céu Aberto” na Mina de São Domingos.



“Gostava de felicitar toda a equipa. Como trabalhador ligado às Artes, mas acima de tudo como local, é um regozijo ver uma iniciativa tão bem conseguida. É notável o esforço que existiu da vossa parte para mediar os projectos artísticos e integrar a comunidade. Definitivamente o Malacate acrescentou valor(es) à Mina de São Domingos.”

DANIEL CARDEIRA

CAIXA DE PERGUNTAS

O espetáculo de teatro comunitário “Caixa de Perguntas” agitou, ainda mais, nos últimos meses, a Mina de S. Domingos.

Caixa de Perguntas foi o espetáculo teatral de rua que a Companhia Cepa Torta, juntamente com a comunidade, levou à cena nas ruínas do cais do minério, na Mina de S. Domingos, nesta reta final do projeto MALACATE. O espetáculo contou com a participação de muitos habitantes da Mina e do seu conhecido grupo coral. Trouxe-nos uma fábula: em pleno séc. XXII, há uma aldeia onde mora um grande mecanismo, chamado sem-fim, fonte de prosperidade e felicidade de um povo que habita sempre no presente. Neste grande centro tecnológico os dias são iguais mas nem por isso menos felizes - vive-se sempre ‘agora’. Mas num desses dias sempre iguais a aldeia recebe a visita de um estranho forasteiro que tem um simples pedido a fazer-lhes. A partir daí nada seria como dantes. Ou aliás, como agora. No cruzamento com o mito da caixa de Pandora e um reflexão sobre o que é a memória, num lugar tão fértil como a Mina, o projeto incluiu uma forte componente audiovisual, consumando uma ideia de transdisciplinaridade e de confronto de linguagens que interessa explorar, para além de reforçar o carácter impressionante do espetáculo, enquadrado por uma das ruínas mais significativas do lugar - o cais do minério - um paredão de pedra de grandes dimensões, ocupado aqui e ali por aberturas, antigos postigos de desembarque do minério que logo ali ao lado via a luz do dia após a extração.

Residência artística inicial

Apesar da equipa MALACATE estar instalada na Mina desde 2021, os profissionais associados a este espetáculo de teatro estiveram cá em fevereiro (alguns pela primeira vez) para começar a tomar contacto com a realidade local, fazer a sua investigação, e começar, em conjunto com a direção artística, a estudar hipóteses de criação nas suas diferentes áreas. Desde a cenografia até à luz, passando pelo som, pelos adereços e pelo vídeo, entre outras, os diferentes criadores conversaram com muita gente e visitaram os principais pontos de interesse.



© Sónia Godinho

© Sónia Godinho

© Sónia Godinho

© Sónia Godinho

A construção de um espetáculo

—

Com um passado tão rico em histórias e acontecimentos que marcaram muito as pessoas que vivem na Mina de S. Domingos, criar um espetáculo de teatro que honrasse essa memória não foi tarefa fácil. Miguel Maia, criador do texto e encenador, tem vindo a investigar as diferentes recolhas de informação que são realizadas e, conjuntamente com a equipa de intérpretes profissionais e não



profissionais, tem trabalhado na dramaturgia do espetáculo. Este trabalho de criação “sem rede” tem sido possível graças a uma generosidade enorme de todas as pessoas da Mina envolvidas. Os ensaios foram intensos e mais para o final do processo eram já diários. Aconteciam no Musical, com a participação de cerca de 30 pessoas, divididas em 3 grupos, e contando também com a participação do Grupo Coral da Mina de S. Domingos. Através de improvisações e experiências, as pessoas criaram cena após cena, com o apoio dos intérpretes profissionais, repetindo-as as vezes necessárias até todos estarem confiantes no resultado.



Depois da tempestade, a bonança

—

Com o aproximar dos dias do espetáculo o nervosismo dos intérpretes aumentava e as equipas no terreno suavavam as “estopinhas” para garantir que tudo corria bem, apesar da tempestade “Óscar” lhes ter trocado as voltas e obrigado a montagens e remontagens, com a necessidade de tapar equipamentos e cenografia várias vezes ao dia, ao sabor das chuvadas que assolaram o cais do minério.



O espetáculo estreou no dia 9, e voltou a fazer-se nos dias 10 e 11. O sucesso foi retumbante, a demonstrar pelas bancadas esgotadas. O espaço foi pequeno para acolher tanta gente e a nossa organização foi criticada por não ter previsto lugares para todos. Assim foi, de facto, mas as condicionantes de segurança e a necessidade de garantir a boa visibilidade não permitiram acolher mais pessoas. Aceitamos a crítica prometendo que da próxima vez correrá ainda melhor!



Como se previa todos os envolvidos sentiram que este tempo passou a correr. Na aldeia foi comum ouvirem-se elogios às pessoas da terra que tinham estado em palco de forma tão profissional, num espetáculo que transformou assim o cais do minério. “Não se via tanta agitação aqui desde que as minas fecharam” comenta alguém ao observar toda a azáfama.



A equipa

Para além de diversas pessoas e entidades da comunidade da Mina de S. Domingos que se envolveram no projeto, a equipa nuclear do espetáculo contou com o envolvimento de 50 pessoas. Algumas delas deixaram aqui o seu testemunho:

ANA MARIA GONÇALVES

Intérprete

Foi um prazer fazer parte deste projecto senti-me útil, adorei o vosso carinho, recordarei com saudades.

ÂNGELO DUARTE

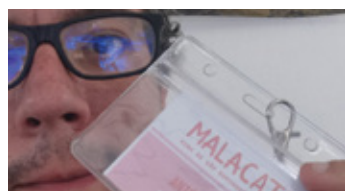
Intérprete

Foi uma experiência espectacular com profissionais que produziram e ajudaram os amadores a divertirem-se e viver um pouco o teatro.

ANTÓNIO SOFIA

Técnico de Som e Luz

Apesar de já ter chegado na parte final do projecto fui bastante bem recebido tanto pela equipa artístico-técnica como pela comunidade e todos os habitantes. Muito obrigado, senti-me duplamente em casa! Saio da mina de São Domingos com o coração cheio, cheio de felicidade e cheio de saudade.



BEATRIZ SOUSA

Produtora Executiva

Há uns meses atrás diria que o que mais gostava na Mina era de acordar com os pássaros, ouvir as cegonhas e de ver o pôr do sol na tapada. Hoje, após a maior aventura profissional, diria que além disso, o que mais gosto na Mina é as pessoas que levo no coração. As pessoas da terra e as que embarcaram na mesma aventura. Dei o coração como sempre faço em tudo na vida, mal sabia que ia receber tanto amor de

volta. No fim, os percalços ficam para trás das costas, ficando na memória que em conjunto, quando se quer, consegue-se fazer magia. E que magia que fizemos! Há tanto por dizer sobre a Mina e as suas gentes, que não há texto possível de definir o que hoje significam para mim.



© Mário J. Negrão

CAROLINA ÁLVARO

Intérprete

Não tenho palavras para vos agradecer o quanto fui feliz nestes meses! Tenho o coração a transbordar de alegria. Amo-vos a todos todos todos!...Que Deus seja portador de todas as bênçãos do Céu! O projeto malacate deixou-me de coração cheio! Jamais me vou esquecer!

CAROLINA CARDOSO FAIAS

Intérprete

Terra de partilha que carrega o peso da terra, do pão e da verdade. Aqui, além, além do Tejo. Além do Tejo só poderia ser aqui. O cheiro. Vou guardar o cheiro. Vou guardar bem guardadinho o cheiro das ruínas em ruína e destas gentes de sorriso em flor.



© Mário J. Negrão

CUSTÓDIA LAMPREIA

Intérprete

Por muito que digamos, e agradeçamos, eu acho

que é muito pouco para o que vocês nos deram, muita amizade, carinho, divertimento... Desejo de coração muitas felicidades a nível profissional e pessoal a todos. Vou sentir muitas saudades.

DIANA DOS SANTOS

Desenho e Operação de Luz

O que mais gosta de fazer é ir até à tapada grande ao fim da tarde, sentar na areia e ouvir o vento a passar nas árvores enquanto se vê as várias mudanças de cor do céu enquanto o sol se põe.

FÁTIMA SANTOS

Intérprete

Tudo o que aprendi convosco foi um prazer e irei recordar.

FERNANDA CAVACO

Intérprete

Foi para mim uma mais valia no que respeita à relação tão amiga e sincera com todos vós. Há sempre alguém que nos marca mais e, neste caso, a nossa Beatriz e a nossa Carol não desfazendo de ninguém, mas talvez por termos tido mais contacto com elas. Mas fiquei admirando todos vós, muitas muitas felicidades para toda a vossa equipa um abraço cheio de muita amizade e carinho. A palavra certa.... Gratidão.

INÊS ACHANDO

Apoio à Produção

Sou a Inês, coordenadora de produção da Companhia Cepa Torta, nos projetos sediados em Lisboa. Participei neste projecto "Caixa de Perguntas" para dar apoio aos meus colegas, neste que foi um grande desafio para toda a equipa. Assisti, de longe, ao crescimento do projecto e de perto ao seu auge com a apresentação do espetáculo no Cais do Minério. Foi intenso, emocionante, surpreendente porque de todas as expectativas que trouxe, e estavam altas, nada me fez prever a

magnitude do que, juntos, conseguimos fazer. Superou largamente o que pude imaginar; foi uma lição, e foi também uma prova da beleza das coisas: as pessoas, as histórias, a arte e a união que daí floresce quando com respeito, desejo e vontade se unem esforços para um objetivo comum. Abrimos a caixa e criamos memórias! No dia da estreia, havia borboletas na barriga, no dia de ir embora também. Para além da beleza em palco, existiu também no companheirismo, no apoio e amabilidade na preparação e pré-produção de tudo isto, desde o mais absurdo dos imprevistos ao compromisso e apoio, desde o primeiro instante, de muitos amigos e amigas desta Mina que agora também é nossa.

JOÃO CHICÓ

Diretor Técnico

Passando entre os pingos da chuva.



JOAQUIM CAVACO

Intérprete / Grupo Coral

Parabéns a toda a Equipa Malacate, são todos excepcionais, de um trato fácil e carinhoso. Pois, o que mais me surpreendeu foi sem dúvida conseguirem que pessoas de idade avançada, algumas com sérios problemas de mobilidade, terem participado activamente durante meses num espectáculo inovador, mas muito bem conseguido. Mais uma vez parabéns MALTA.

JOSÉ ALEXANDRE

Intérprete / Grupo Coral

Sempre existiu uma resistência à mudança mas, aos poucos foi-se esfumando, com a alegria, a entrega e a vontade de aprender. Vocês do

Malacate vieram alterar (no bom sentido) a forma de olhar para o trabalho desenvolvido. Resumindo, o meu agradecimento para todo o grupo e continuação de muita MERDA. Abreijos e saudações mineiras.

JOSÉ PEREIRA GONÇALVES
Intérprete / Grupo Coral

Não há palavras para descrever a gratidão que estou a sentir neste momento e tudo motivado pelo bonito gesto que vocês demonstraram. Chega até a ser comovente perceber que existe gente boa neste mundo que faz algo pelo outros apenas por generosidade, obrigado por tudo meus queridos.

JOSÉ MARQUES
Intérprete / Grupo Coral

Vocês faziam já parte do nosso dia a dia. Ficou um grande vazio. Porém uma grande amizade que fica para sempre. Obrigado a todos os que pertenceram a este maravilhoso grupo.

JÚLIA EBERT JUNQUEIRA
Cenógrafa

Sou responsável pela cenografia do espetáculo em conjunto com a Sara Franqueira. O que me enche de alegria e que vou sentir mais falta da Mina, é de me cruzar na rua com as pessoas que conheci ao longo desse processo e de trocar sorrisos e conversas com elas. E claro, de ir tomar o pequeno almoço ao café estrela!



MANUEL ABRANTES
Assistente de Iluminação

O anoitecer da Mina fá-lo regressar à infância de quando essa paisagem era o seu despertador de regresso a casa.

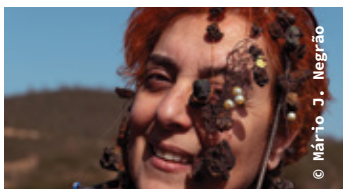


MARIA DOS ANJOS GONÇALVES
Intérprete

Amigos não há palavras para descrever o quanto fomos felizes com tudo o que nos ensinaram. Adorei conhecê-los. Bem hajam.

MARIA LUIZ
Figurinista

Gosto de vaguear pelas ruas, espreitando as árvores de fruto e metendo conversa pelo postigo da porta!



MÁRIO J. NEGRÃO
Vídeo

Operador de Captura de Partículas Sem-Fim. Aprendiz do sr. Engenheiro Mason, o criador do gerador de energia Sem-Fim. Acredita que nunca ninguém realmente morre e que, do fundo da terra ao alto dos céus, existem seres de pedra e ar que, entre copos de vinho cósmico conversam sobre as memórias de coisas ainda por vir.



MIGUEL MAIA
Criador e encenador

É responsável pelo texto e encenação do espetáculo. O que mais gosta é de passear pelo jardim dos ingleses e tomar atenção ao som da miríade de pássaros que povoam aquelas árvores junto ao coreto.



NUNO MARTINS
Intérprete

Estou feliz porque participei numa coisa inédita para mim. Conseguimos chegar ao fim com sucesso, graças a todos. Muito mais haveria a dizer. Parabéns Malacate. Um grande abraço para todos.

PEDRO FREIXO
Compositor e Técnico de Som

Gosta muito de conhecer pessoas nos cafés e esplanadas da Mina de S. Domingos.

REINALDO BATISTA
Intérprete / Grupo Coral

É verdade que estávamos todos muito cépticos no início - sobre se seríamos capazes de dar conta do recado sobre a nossa participação neste projecto chefiado pelo Miguel, chamado Malacate.

Pois bem, com vocês ao leme conseguimos levar o barco a bom porto. Assim o provaram os 3 belos espetáculos que realizamos. Quero dizer que ficamos gratos por nos terem incluído nesse belo projeto. Vocês são espetaculares, acreditem, ficaram nos nossos corações. Até sempre amigos!

SARA FRANQUEIRA
Cenógrafa

Inventou um espaço que é um poema visual para o espetáculo Caixa de Perguntas. Gosta particularmente das cores da Mina de São Domingos e é muito feliz a ver ensaios sendo que nunca mais se vai esquecer do primeiro ensaio que viu do grupo de Cante.

SOFIA CABRITA
Apoio à criação

É responsável por ajudar a fazer a ponte entre as histórias que se contam e a criação teatral, o que mais gosta é de fazer perguntas sobre o que não se vê: às pessoas, às ruínas, às ruas, às janelas

entreabertas, ao futuro. Gosta da sua condição de paraquedista teatral e de como é recebida com um sorriso, cada vez que ali aparece, caída deste Malacate.



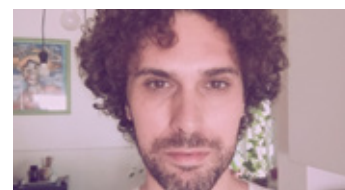
TELMO MENDES
Intérprete

É daqueles humanos que faz de actor. O trabalho o trouxe à Mina e a Mina deu-lhe sorrisos abertos, peitos abertos, afecto, confiança e casa. Quando voltar ao sítio de onde veio, levará memórias boas e perspectivas frescas em troca de deixar um pedacinho do coração em cada sítio por onde andou, com cada pessoa que conheceu.



TIAGO BÔTO
Intérprete

Não deixo de sentir um arrepio constante quando o Cante me permite escutar novamente a humanidade. Como não consigo não me emocionar com toda a empatia, generosidade e humanidade de todos os habitantes das Minas de São Domingos. O privilégio de ver o pôr do sol na Tapada é um poema que levo comigo, fixo na memória. que as minas fecharam” comenta alguém ao observar toda a azáfama.





Texto, Dramaturgia e Encenação MIGUEL MAIA Apoio à Criação SOFIA CABRITA Interpretação CAROLINA CARDOSO FAIAS, TELMO MENDES E TIAGO BOTO Intérpretes da comunidade ANA MARIA GONÇALVES, ÂNGELO DUARTE, ANTÓNIO ASSUNÇÃO, ANTÓNIO DIAS BRAZ, CAMILA DUARTE, CAROLINA ÁLVARO, CONCEIÇÃO BATISTA, CUSTÓDIA LAMPREIA, FÁTIMA SANTOS, FERNANDA CAVACO, FRANCISCO CORREIA, FRANCISCO DIAS, IDÁLIA RODRIGUES, ISABEL CAMPOS, JANUÁRIO MARTINS, JESUÍNA SANTOS, JOAQUIM MARQUES, JOSÉ ALEXANDRE, JOSÉ BRAZ, JOSÉ FABIÃO, JOSÉ PEREIRA GONÇALVES, JOSÉ RAPOSO, JOSÉ SILVA, JOSÉ MARQUES (PARRINHA), MADALENA FÉLIX, MARIA DOS ANJOS GONÇALVES, MARIANO HORTA, MANUEL GONÇALVES, MANUEL MARQUES, NUNO MARTINS, SOFYIA ALEKSANDROVNA E REINALDO BATISTA Espaço Cénico SARA FRANQUEIRA, JÚLIA EBERT Execução de cenografia FP SOLUTIONS, FERNANDO MIGUEL, GONÇALO COSTA, NELO COSTA, MARIA DOS ANJOS Figurinos MARIA LUIZ Apoio na coordenação Local de execução de figurinos ISABEL VALENTE E MARIA JOSÉ BATISTA Execução de Figurinos MARGARIDA VIANA Adereços JÚLIA EBERT, MARIA LUIZ, SARA FRANQUEIRA Desenho e Operação de Luz DIANA DOS SANTOS Assistente de Desenho de Luz MANUEL ABRANTES Sonoplastia e Música Original PEDRO FREIXO Vídeo MÁRIO JERÓNIMO NEGRÃO Design JOÃO VASCO MAIO Fotografia SÓNIA GODINHO Coordenação de Produção TATIANA LEMOS Produção Executiva BEATRIZ SOUSA Diretor Técnico JOÃO CHICÓ Técnico luz e Som ANTÓNIO SOFIA Apoio à produção INÊS ACHANDO, SUSANA LOPES Parcerias CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA, JUNTA DE FREGUESIA DE CORTE DO PINTO, FUNDAÇÃO SERRÃO MARTINS, ALSUD/UNIVERSIDADE SÉNIOR, PENSÃO SÃO DOMINGOS, VIDAS COM GARRA, GRUPO CORAL DA MINA DE SÃO DOMINGOS, ASSOCIAÇÃO DOS REFORMADOS Agradecimentos ADAO, ALICE RUIVO, ARTISTAS UNIDOS, ANA MARTINS (BÉ), ANDREA EBERT, JÉSSICA MATIAS, ISABEL CAMPOS, JOSÉ PEREIRA, MANUEL MARQUES, NUNO MARTINS, PAULA MARTINS, PAULO ROMBA, RICARDO JUNQUEIRA, ROSINDA PIMENTA, RUI CONCEIÇÃO, SARA RIBEIRO, SÍLVIA PAULINO, SUSANA GOMES



PARAR PARA PENSAR

Um projecto como o MALACATE tem a responsabilidade ética de reflectir sobre a sua própria natureza e perspectivá-la tendo em conta outras iniciativas do mesmo género.

No fim de semana de 17 e 18 de junho, os dias foram de reflexão e encontro. Dia 17 aconteceu a conferência “Parar para pensar”, que reuniu personalidades ligadas de diferentes formas à criação cultural participativa: Hugo Cruz, criador, programador cultural e investigador, Madalena Vitorino, criadora, investigadora e co-diretora artística do Lavrar o Mar, Rosinda Pimenta, Vereadora com o pelouro da cultura da Câmara Municipal de Mértola, Luís Sousa Ferreira, adjunto da direcção artística do Teatro Nacional D. Maria II, Rita Sales, atriz e encenadora responsável pelo projeto de Boca em Boca, no concelho de Mértola, Miguel Maia, diretor artístico do Malacate e Filipe Abreu que foi também responsável pela direcção artística do mesmo projeto. Foi uma oportunidade única para refletir em conjunto sobre as principais questões que se colocam quando se realizam os chamados projetos de arte participativa.

Seguem-se os textos da Madalena Victorino e da Rita Sales, que foram base das suas comunicações.



arte participativa como a vejo por Madalena Vitorino

Uma das vertentes da arte participativa que tem estado nos últimos anos em foco globalmente, é a ideia de se vocacionar a sua prática para o levantamento de realidades humanas, sociais e geográficas, que necessitem de atenção, de observação e de cuidado. Estes contextos sociais, históricos, económicos e humanos, tornaram-se os targets potenciais para a criação artística. São eles cenários de vida em derrocada, em erosão e desfalecimento, como os centros de refugiados, as prisões, aldeias desertificadas onde o alcoolismo é uma forma de resistir, territórios, bairros, vilas e aldeias onde se acumulam migrantes, instituições psiquiátricas, bairros disfuncionais, zonas perigosas das cidades, hospitais, lares fragilizados pela falta de meios, realidades sociais históricas ligadas ao trabalho, à indústria em ruína, etc. Estes são hoje objectos de desejo dos artistas e da agenda política actual assim como dos públicos, sobretudo de classes favorecidas, que desejam espreitar a miséria e a dificuldade dos outros

a partir de um porto seguro: o espectáculo. O que realmente importa pensar é se os artistas que abraçam os vários desafios inerentes à abordagem destas realidades e com elas se propõem realizar um trabalho que pretende ser de mudança e transformação, estão realmente conscientes do mistério e da gravidade envolvida nesses processos. Importa saber se estão prontos para a aventura de participar numa arte humana feita com todos, somente com o que há em volta e sem compromissos. Uma arte humana cheia de assimetrias e desequilíbrios que é preciso convocar e jogar para dentro do mundo da criação. Importa perguntar-lhes se estão prontos para preparar, para entusiasmar e viciar as pessoas para quem o projecto se destina. Importa saber se as conseguem seduzir a querer vir no dia seguinte, se conseguem torná-las mais curiosas, com vontade de arriscar e de compreender a importância real e verdadeira da sua presença e contributo para o processo artístico. Importa questionar se esta comunidade de artistas que se propõe viajar para dentro destes outros mundos, sabe quais os objectivos que importam e as consequências desse avanço e se se sente totalmente disponível para conhecer e se tornar cúmplice activo destas pessoas em dificuldade e em necessidade.

por Rita Sales

MADALENA VITORINO

Formada em dança, o seu trabalho tem-se evidenciado pela criação de projectos que se vocacionam para a aproximação entre discurso, prática, experiência artística e sociedade nas suas múltiplas transversalidades.

Co-criou o conhecido Forum Dança e desenvolveu diversos projetos de pedagogia animação artística. Criou a LAVRAR O MAR Cooperativa Cultura, CRL com Giacomo Scalisi em 2016 com o intuito de criar uma dinâmica de programação, criação e actividade cultural e artística contemporânea no Algarve de baixa densidade populacional, Aljezur e Monchique.

RITA SALES

Rita Sales, artista, educadora, mediadora cultural, contadora de histórias, dedica-se ao desenvolvimento de projectos que envolvem arte, educação e comunidade. Tem formação em teatro, artes performativas, educação não-formal, filosofia e animação comunitária. Cria em 2020, em Mértola, o projecto De Boca em Boca – histórias a nutrir comunidades, um projecto de reactivação do contar em comunidade e é co-fundadora da cooperativa cultural boa CRIAÇÃO.

“No Mundo Contemporâneo que separa as pessoas é preciso coragem para fazer o inverso. O Teatro Comunitário é corajoso. É apresentado às pessoas, nas “suas” ruas, em conjunto, ao mesmo nível, mostrando que os actores não são mais do que ninguém e que todos somos parte de uma comunidade humana de afectos, memórias, fragilidades e alegrias. Este grupo de teatro é inclusivo, respeita as diferenças individuais, ajuda a criar ambientes colectivos harmoniosos, e junta as pessoas em vez de as separar. A quem o dinamiza (actores e direcção artística), a quem o permite que exista (instituições públicas), e a quem dá do seu tempo para se envolver, só há a agradecer! É a garantia de que pode haver esperança nas Comunidades Humanas.”

ADRIANA GIL

Participante do Grupo de Teatro Comunitário de Mértola

Pensar sobre o nosso caminho no desenvolvimento de projectos que consideram e priorizam a relação com a comunidade, significa voltarmos a 2020 e às motivações que nos fizeram criar o projecto De Boca em Boca – histórias a nutrir comunidades. Estávamos então em pandemia, a viver confinados, num território de interior, desertificado, onde a

população há muito que conhecia o que é isolamento social e cultural como exercício quotidiano. Na altura, propusemos ao Município de Mértola um projecto que se dispunha a reactivar o contar em comunidade, reclamando a importância da promoção da arte e a cultura como bem essencial e reposicionando o lugar dos acontecimentos culturais no centro das aldeias e montes do Concelho. Entre 2020 e 2023 foram desenvolvidas diversas actividades como sessões de contos, caminhadas, conversas, oficinas, programas de rádio e podcast em mais de 70 localidades do Concelho, tendo como parceiros as juntas de freguesia, as associações e colectividades, as escolas e a Universidade Sénior, para além do apoio regular e parceria da Autarquia. Para além disto, fomos algumas vezes desafiados para colaborações com outros projectos, como é exemplo o Malacate, que permitiram o desenvolvimento de actividades conjuntas procurando pontos de contacto com outras iniciativas culturais a decorrer no Concelho. Entretanto, o tempo continuou o seu curso e, em finais de 2021, por proposta do Município, iniciámos, paralelamente ao projecto De Boca em Boca, a Oficina de Teatro, iniciativa que pretendia promover o surgimento de um grupo de teatro comunitário

no Concelho de Mértola. Em Maio de 2023, o grupo apresenta publicamente o seu primeiro projecto, intitulado *Eu não sei se sei contar!* É assim, no contexto destes projectos, que partilhamos as reflexões que se seguem, e que surgem por nos entendermos artistas pertencentes e implicados na nossa comunidade.

Quando pensamos na relação entre arte e comunidade, sublinhamos a importância da primeira como bem essencial. Independentemente de partilharmos a ideia de que a arte não tem que servir, acreditamos que as pessoas, querendo, podem transformar-se a si e aos seus contextos positivamente no exercício artístico. Para existir criação artística precisamos criadores (e público, mas disso falaremos um pouco mais a baixo) e para que estes surjam é necessário que se garanta a igualdade de oportunidades no acesso à cultura. Para isso, haverá que colocar o fazer artístico no dia a dia das comunidades, dando condições de trabalho a artistas para que o seu lugar seja visível. Se assim não for, como pode alguém vir a desejar o que não conhece?

Como referimos acima, escolhemos ser artistas implicados na comunidade, aspecto que não consideramos que seja

característica fundamental para se ser (melhor) artista. Nem todas as pessoas que criam se têm que envolver na comunidade e, mesmo aquelas que o desejam, nem sempre podem permitir-se a isso, pelo menos, como uma constância na sua vida. Existirá criação sem público, ou que não considera a relação com o público, embora se possa observar que a manifestação artística, contém em si quase sempre um ímpeto comunicacional.

Neste nosso caminho temos que nos relacionar com os mais variados conceitos e pressupostos característicos do sector cultural. A propósito daquilo a que se chama o ‘mundo da arte’ podemos, por vezes, observar uma certa autofagia do meio artístico que produz para outros artistas, para produtores, programadores, financiadores, ‘alimentando-se’ a si próprio, e desenvolvendo códigos de linguagem herméticos e barreiras intransponíveis. Como consequência, promove-se a ideia de que existe um mundo à parte, reforçam-se sentimentos de não pertença aos lugares da arte e da cultura, e acentuam-se antagonismos entre conceitos como os de: artistas e não-artistas, a elite e o vulgar, o erudito e o popular, o contemporâneo e o tradicional, a autoria e o anonimato. Quando acontece este ‘mundo da arte’ querer (ou precisar,

por prioridade imposta por financiadores, por exemplo) fazer trabalho em comunidades, por vezes, observamos a excessiva visibilidade dada aos nomes, imagens e biografias de algumas pessoas, consideradas artistas, em detrimento de outras, não entendidas como tal. Encontramos assim o reforço de ideias de excelência e exclusividade que, associadas à sociedade de consumo em que vivemos, pode significar a crença de que o privilégio garante mais oportunidades de sobrevivência.

Na sequência destas constatações, reflectimos regularmente sobre os processos artísticos participados na sociedade de consumo, nomeadamente, no que concerne ao modo de garantir apoios a projectos desta natureza. Habitualmente, os princípios subjacentes aos programas de apoio pressupõem a optimização de recursos, o cumprimento de informações descritas em candidaturas muito tempo antes da execução dos projectos, como prazos e tempos de execução inorgânicos e não adequados ao ritmo natural das comunidades. Seria urgente rever esta abordagem, apoiando as iniciativas à partida, com confiança e flexibilidade, assumindo a responsabilidade de acompanhamento e avaliação para, com base em experiências concretas, se poder decidir a atribuição

de apoios futuros. Há também critérios subjacentes à atribuição de financiamentos na sociedade de consumo que divergem do trabalho que fazemos, e que sobrevalorizam as actividades com muita gente, com muita gente nova, com muito ruído, com pessoas reconhecidas como célebres, e onde se produz e se apela ao consumo de coisas sempre novas, sejam modelos ou métodos de trabalho, sejam conceitos ou criações artísticas.

Os projectos que desenvolvemos debruçam-se sobre a criação de lugares de escuta, criando condições para a participação, organizamos espaços onde fazemos nascer a possibilidade de cada pessoa ou grupo ter voz. Somos indomáveis nesta nossa rebelião contra uma visão de que o tempo nos foge, e com ele a vida, e em que o ter muito que fazer e ser capaz de assumir várias tarefas se tornou sinónimo de qualidade. Trabalhamos com o silêncio, a memória, a tranquilidade, a ampliação dentro de nós de um tempo e espaço para aprender e compreender o mundo em nosso redor, e disso, nos irmos fazendo melhores, contribuindo e transformando a nossa realidade colectiva, tornando-a mais justa e coesa.



FICHA TÉCNICA

O Malacatório é o jornal trimestral do projeto Malacate com notícias sobre as atividades que são desenvolvidas no terreno.

DIREÇÃO:
MIGUEL MAIA

TEXTOS:
MIGUEL MAIA
SÓNIA GODINHO
TATIANA LEMOS

PRODUÇÃO:
TATIANA LEMOS

DESIGN E PAGINAÇÃO:
JOÃO VASCO MAIO

GESTÃO DE PROJETO:
BRUNO COSTA
DANIEL VILAR

FOGRAFIAS DE CAPA E CONTRACAPA:
MÁRIO J. NEGRÃO

Para mais informação, consultem o nosso website, ou sigam-nos nas redes sociais.

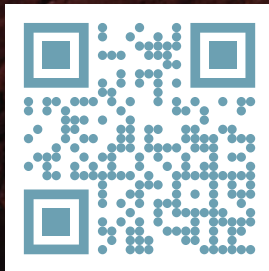
ONDE ESTAMOS:
Casa do Mineiro - Rua de Santa Isabel, nº 30, 7750-146
Mina de São Domingos, Mértola

E-MAIL:
producao.malacate@cepatorta.org

TELEFONE:
00351 924 744 055

INSTAGRAM
@projeto_malacate

FACEBOOK
@projetomalacate



www.malacate.pt

Através do Acordo sobre o Espaço Económico Europeu (EEE), a Islândia, o Liechtenstein e a Noruega são parceiros no mercado interno com os Estados-Membros da União Europeia.

Como forma de promover um contínuo e equilibrado reforço das relações económicas e comerciais, as partes do Acordo do EEE estabeleceram um Mecanismo Financeiro plurianual, conhecido como EEA Grants.

Os EEA Grants têm como objetivos reduzir as disparidades sociais e económicas na Europa e reforçar as relações bilaterais entre estes três países e os países beneficiários.

Para o período 2014-2021, foi acordada uma contribuição total de 2,8 mil milhões de euros para 15 países beneficiários. Portugal beneficiará de uma verba de 102,7 milhões de euros.

Saiba mais em www.eeagrants.gov.pt

FINANCIADO POR



OPERADOR DO PROGRAMA



PATRIMONIO CULTURAL

PARCEIRO DO PROGRAMA



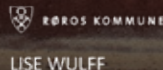
PROMOTOR DO PROJETO



PARCEIRO FINANCIADOR



OUTROS PARCEIROS



COLABORADORES



DE BOCA EM BOCA
Notícias e muito desdobramento
Mértola

